

O GIRO MEVLEVI

Temos pouca informação precisa sobre as origens do Giro Dervixe. É certo que expressões diversas e distintas daquelas desenvolvidas pelos Mevlevi estiveram presentes em outras tradições e grupos Sufis. Algumas delas aparecem de formas mais ritualísticas e outras com forte influência xamânica e na maioria das vezes, associada a tradições musicais. Vemos estas últimas ainda hoje em grupos sufis de diversas regiões, principalmente no Magrib, onde estas ordens utilizam o giro e a música de forma mais selvagem, na busca por êxtases como forma de cura em rituais de forte influência xamânica. Em alguns desses grupos os sheiques e mestres são as mulheres que conduzem as pessoas ao êxtase e transe para curar seus problemas físicos, psicológicos ou espirituais.

Mas a forma como o Giro foi desenvolvido e apresentado pelos Mevlevi é bastante distintas de todas as outras expressões. Sabemos que foi Shams de Tabriz, nascido na Pérsia, que introduziu Rumi nas técnicas do Giro, e conferiu-lhe os significados e mistérios. Sabemos que a cosmologia que os Sufis da Pérsia desenvolveram, a partir de influências Zoroastras, gregas e herméticas e do próprio conhecimento Sufi, foi central no desenvolvimento de sua filosofia, técnicas e práticas. Esta cosmologia nos descreve a criação do universo como emanção de Deus e a procissão das Esferas e o surgimento dos planetas como expressão da beleza e perfeição divina surgindo do ímpeto criativo expresso no imperativo primordial *Kun*, seja. Este é o verbo através do qual Deus se torna manifesto através de sua criação. Mas como nos conta o Profeta Maomé, Deus disse: “*Eu era um tesouro oculto, e amei ser conhecido. Por isso fiz a Criação*”. E deste amor e necessidade surge o verbo *Kun*, seja!, mas também *Irji*, retorne! Esta é a origem do anseio e saudade da criação pelo Criador, é a força motriz que faz girar as esferas, os planetas, átomos e todo o universo, e este giro é a expressão maior deste amor que penetra e permeia toda criação em sua busca por retornar ao amado, sua origem e destino último.

Esta é a dimensão maior do Giro Mevlevi conhecido como *Sama* e que, muito provavelmente, na época de Rumi era mais livre e espontâneo, uma vez que ainda não havia sido formatado no ritual que a ordem desenvolveu e vem apresentando desde então. Mesmo porque, naquele tempo, as próprias escolas Sufis, em sua maioria, ainda não haviam sido estabelecidas como ordens distintas, nomeadas segundo um mestre fundador. A Ordem Mevlevi recebeu esse nome, pois Rumi foi conhecido e chamado pelo nome de Mevlana, nosso mestre, mas os Mevlevis, e a liturgia dos giros, só foram formalmente instituídos quando seu filho, Sultan Weled, assumiu a ordem como Xeique após a morte de Husamuddin, sucessor de seu pai. Mas também sabemos que a ordem, além do ritual conhecido, preservou o que é chamado de Giro ou Sema oculto. Onde os dervixes se encontram às “portas fechadas” e onde o Giro está inserido dentro de uma cerimônia mais íntima.

Devemos conhecer a história de Rumi para compreendermos o impacto que o surgimento de Shams de Tabriz teve em sua vida e vislumbrarmos o porquê do Giro, música e poesia terem se tornado elementos centrais na Ordem Mevlei.

Foi depois do desaparecimento de Shams que Rumi mergulhou completamente nestas artes. A música passou a ser uma companheira para ele, especialmente a música melancólica da flauta de junco (*ney*). Diz-se que uma vez, ao ser chamado para a oração da tarde, ele recusou-se a ir e continuou ouvindo os músicos, dizendo: "Isto também é a

oração da tarde. Ambas se dirigem a Deus. Ele deseja uma delas exteriormente para Seu Serviço e a outra internamente para Seu Amor e Conhecimento". Era neste contexto e inspirado por tal estado que Rumi praticava a dança do Giro.

A cerimônia completa do Giro pode apresentar algumas variações, mas tradicionalmente ela é feita por um grupo de dervixes que entram na sala com suas vestes brancas, simbolizando sua mortalha, e envoltos em um manto negro, simbolizando sua tumba, e têm na cabeça um chapéu característico, geralmente feito de pelo de carneiro, simbolizando sua lápide. Estas vestes declaram que o dervixe está "morto" para o mundo das aparências e do dualismo. O local do Xeique é o tapete vermelho, que representa as cores do céu da cidade de Konya no entardecer em que Rumi morreu. Se o Xeique não estiver presente, o tapete mesmo assim permanecerá estendido sobre o chão, representando sua presença.

Um cantor começa então a cantar versos em louvor ao Profeta Maomé, a seguir surge o som da flauta e então, mediante sinal do Xeique, os dervixes começam a caminhar lentamente, dando três voltas no local.

Ao final da terceira volta, o Xeique fica de pé sobre o seu tapete. Os dervixes retiram o manto negro e surge então, sua veste tradicional branca. Eles passam, um a um, diante do Xeique que beija a ponta do chapéu de cada dervixe como que autorizando-o a girar. Ao mesmo tempo, os dervixes cumprimentam-se dois a dois, se inclinado um na direção do outro.

O giro então começa. Os dervixes estendem os braços abertos, a palma da mão direita para cima e a esquerda para baixo. A direita busca receber do alto as graças e a esquerda as distribui. Ao dervixe cabe o papel de intermediário, que se coloca a serviço e estabelece mais uma vez um canal onde as bênçãos possam ser derramadas e distribuídas. O coração daquele que gira fica no centro do movimento como que parado, como se tudo girasse ao seu redor. O coração, assim centrado no Amor e na repetição do Nome Divino, aquece as graças recebidas e as distribui repletas agora, da paixão, saudade e desejo por transcendência, características do nível humano. O dervixe busca atingir um estado onde isto não mais seja feito como um indivíduo em busca de uma experiência de caráter pessoal, mas sim, fundamentado em uma profunda compreensão amorosa em relação a toda a criação.

Os dervixes dão várias voltas em torno do centro. Como planetas ao redor do Sol eles celebram o desejo pela Luz e pela União. Neste momento, toda a criação está ali representada e participando desta comunhão.

Os dervixes param e recomeçam a girar por três vezes. A primeira seqüência representa o giro em direção a Deus, onde o dervixe é consumido de saudade por sua presença. A segunda representa o giro para Deus, onde o dervixe celebra sua presença e declara seu amor. A terceira e última seqüência representa o Giro em Deus, onde o dervixe mergulha em sua presença aniquilando-se em sua unidade. É neste último Giro que o Xeique ergue-se, girando muito lentamente numa linha que cruza o centro e se estende de leste a oeste. Ele não retira seu manto, simbolizando que nada mais resta dele, enquanto individualidade. Ele apenas puxa a gola do manto e deixa à vista a região do seu coração. Neste momento, o ritmo do giro chega ao ápice.

Quando o Xeique volta ao seu lugar, os dervixes param de girar. Eles se ajoelham alinhados em dois grupos, com os ombros encostados uns nos outros. O cantor canta versos do Corão. Depois disso, são elevados os últimos louvores e a cerimônia termina.

Os significados são tão infinitos quanto as próprias expressões do amor divino quando tocam o espírito humano. Mas o giro que Rumi e os Mevlevi nos apresentam não é uma dança, ou técnica de êxtase inconsciente, mas uma forma elevada de oração e adoração e não apenas um espetáculo artístico ou técnica corporal.

O Giro situa-se no centro do legado que foi deixado por Rumi e mostra ao ser humano o seu verdadeiro e glorioso destino, embriagando os corações e deixando-os sedentos da Presença do Amado. A cada passo ao redor de si, o dervixe busca seu coração e clama pelo único Nome que reside dentro dele e que é o foco de seu anseio. A cada passo ao redor do centro, ele busca aproximar-se do Senhor desse Nome, e com Ele compartilhar do êxtase sublime da intimidade. E isso é feito dentro da esfera do amor, onde o amante se dissolve e se confunde com o Amado e ambos tornam-se unos.

O Giro Dervixe não costuma ser ensinado isoladamente, mas faz parte de um conjunto maior de conhecimentos e práticas e aqueles que desejam aprender são introduzidos nessa tradição em momentos específicos de sua trajetória pessoal. É uma tradição passada de forma íntima e pessoal, após anos de trabalho, exposição e incorporação de níveis e estados de ser dentro do contexto maior da Escola, como expressão de uma tradição que antecede o próprio Sufismo, e da qual ele é parte.

Na tradição do Quarto Caminho é dito que as Danças Sagradas (como é o caso do Giro) são formas muito sofisticadas de se contar uma história, só que a história contada por elas fala especificamente da condição do ser humano sobre a terra. Quando os expectadores presentes à cerimônia compartilham desse conhecimento, mesmo que intuitivamente, eles são transportados em direção aos cenários evocados que contam sobre os caminhos que cada ser criado percorre em seu retorno à Fonte que o gerou.

O Giro não é uma dança ou técnica, ou um meio de se atingir estados alterados de consciência, nem mesmo um meio de atingirmos as dimensões que descrevemos. Ao contrário. Será somente após termos sido tocados pelas experiências que a percepção destas dimensões despertam em nosso ser, que seremos então capazes de compreender o real significado do Giro, e através dele, mergulharmos no infinito oceano da busca de Deus por Ele mesmo. Portanto, o Giro não é um método, mas a expressão deste anseio.

Além disso, precisamos ter sempre em mente o que disse Fariduddin Attar, um autor sufi que inspirou profundamente a poesia de Rumi: *“Existem tantos caminhos a Deus como Átomos no universo.”* Por esta razão Rumi introduzia o giro somente àqueles que possuíssem uma inclinação essencial a esta expressão e já estivessem maduros, ou que já tivessem ingressado de forma intensa e responsável nesta jornada, tendo recebido todo o treinamento prévio que permitisse a eles superar as fantasias e armadilhas do Ego.

Por tudo o que foi dito acima, fica claro ser necessário o aprofundamento em vários níveis de conhecimento e técnicas antes do Giro ser aprendido e praticado. E mesmo que hoje em dia vejamos em algumas ordens na Turquia e outros locais, crianças aprendendo a girar pelo fato do Sufismo ser uma prática comum e incorporada desde a infância, ainda assim, é somente quando somos iniciados no momento correto, já possuindo os elementos fundamentais que o justificam, que seremos transformados e compreenderemos seus infinitos significados e sua real dimensão.

Autoria: www.imagomundi.com.br